

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

GABRIELA MIRANDA VILAÇA

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE EGO DA SEGUNDA
TÓPICA FREUDIANA

Belo Horizonte

2019

GABRIELA MIRANDA VILAÇA

**A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE EGO DA SEGUNDA TÓPICA
FREUDIANA**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de especialista em teoria psicanalítica.

Orientador: Prof. Fabio Roberto Rodrigues Belo

Belo Horizonte

2019

150
V695c
2019

Vilaça, Gabriela Miranda.

A construção do conceito de ego da segunda tópica freudiana [manuscrito] / Gabriela Miranda Vilaça. - 2019. 42 f.

Orientador: Fabio Roberto Rodrigues Belo.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Teoria Psicanalítica - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Ego (Psicologia). 2.Psicanálise I. Belo, Fabio Roberto Rodrigues. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

UFMG

Declaração

Declaro para os devidos fins que **GABRIELA MIRANDA VILAÇA**, aluna do Curso De Especialização em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal de Minas Gerais, concluiu o curso de especialização no dia 03 de julho de 2019, data em que defendeu a monografia intitulada “**A Construção do Conceito de Ego da Segunda Tópica Freudiana**”.

Belo Horizonte, 3 de julho de 2019.

Cassandra P. França

Prof. Cassandra Pereira França
Coordenadora do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

Resumo

Vilaça, Gabriela. (2019). *A construção do conceito de ego da segunda tópica freudiana*. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Minas Gerais, MG, Brasil.

A teoria psicanalítica apresenta ao longo do seu desenvolvimento contradições, modificações, ampliações e rupturas, sendo que há dois momentos fundamentais que marcam a sua trajetória: a apresentação do segundo dualismo pulsional e da segunda tópica. Nesta última, Freud descreve três instâncias – id, ego e superego – que passam a compor o aparelho mental. Para melhor compreender a concepção freudiana sobre subjetividade, neste trabalho investiga-se a construção do conceito de ego da segunda tópica apresentada no texto *O ego e o id*. A hipótese trabalhada é que esse conceito possui fundamentos presentes em textos anteriores, como no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” e *Psicologia de grupo e a análise do ego* que foram examinados nesse trabalho. No primeiro texto, procurou-se compreender os conceitos de narcisismo, de investimento libidinal e de ideal do ego. Em *Psicologia de grupo e a análise do ego* explorou-se a conceituação de identificação e o aprofundamento da compreensão freudiana sobre o ideal do ego. A partir disso, foi trabalhado o conceito de ego no texto *O ego e o id*, procurando apreender a sua formulação. Observou-se que uma parte do que foi apresentado neste último texto tem correlação com conceitos e perspectivas presentes nos textos anteriores. Entretanto, há concepções que não estabelecem relação direta com os conceitos presentes neles. Questiona-se, então, se há duas conceituações distintas de ego na apresentação da segunda tópica ou se há conceitos em outros textos de Freud que permitem uma compreensão mais abrangente do conceito de ego. Esses questionamentos serão abordados em trabalhos futuros.

Palavras chaves: Ego; Psicanálise; Segunda tópica freudiana.

Sumário

1 Introdução	7
2 As Elaboraões Freudianas Sobre o Ego - 1914 e 1921	8
2.1 O narcisismo e o revisitar o ego	9
2.2 Um caminhar pela <i>Psicologia de grupo e a análise do ego</i>	14
3 Segunda Tópica: a Apresentação das Instâncias	21
4 Retomando, Ampliando e Modificando Conceitos: a Construção do Ego.....	33
5 Considerações Finais	40
6 Referências Bibliográficas.....	42

1 Introdução

A teoria psicanalítica foi construída por Freud ao longo de mais de quarenta anos e, como toda construção teórica de tal magnitude, apresenta em seu interior contradições, modificações, ampliações e rupturas. Apesar de isso ser um ponto comum na construção do pensamento, observa-se que na construção freudiana há dois momentos fundamentais que representam uma reviravolta no campo teórico da psicanálise, quais sejam a apresentação do segundo dualismo pulsional e a apresentação da segunda tópica do aparelho mental. Ambos atingem os pilares psicanalíticos e influenciam diretamente as construções e concepções teóricas posteriores a sua apresentação.

Na apresentação da segunda tópica do aparelho psíquico, Freud descreve três instâncias – o ego, o id e o superego – que passam a compor a estrutura mental dentro dessa perspectiva teórica. Ela foi apresentada em 1923 no texto *O ego e o id* de tal forma que nessa apresentação já se estabelece a relação que as três instâncias que constituem o aparelho psíquico possuem entre si. Procurando compreender a construção da subjetividade de um indivíduo de acordo com as formulações freudianas, observou-se a necessidade de investigar o conceito de ego neste momento do pensamento de Freud.

A apresentação da segunda tópica, que representa um marco na teoria psicanalítica, pode ser considerada uma ruptura ou uma continuidade na construção do pensamento freudiano, ou mesmo ser considerada um pouco de ambas as situações. Diante dessa perspectiva, optou-se por compreender se o conceito de ego, no texto *O ego e o id*, possui fundamentos dentro da própria teoria psicanalítica que levam à sua construção. Para investigar essa questão serão trabalhados dois textos anteriores a 1923: “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914, e *Psicologia de grupo e a análise do ego*, de 1921.

Primeiramente serão apresentados os conceitos de ego e as questões relacionadas a eles nesses dois textos citados. Para em seguida adentrar na conceituação de ego na apresentação da segunda tópica, no texto *O ego e o id*. E então, posteriormente, verificar se há continuidade nesse conceito de ego e/ou modificação do mesmo e daquilo que a ele está envolto. Esse caminho será percorrido de forma a tentar compreender a construção do pensamento freudiano relacionado ao conceito de ego, com a perspectiva de que as obras de Freud sempre trazem “. . . uma provocação e um desafio: provocação pela radical novidade do que dizem, desafio pela complexidade e sutileza com que o novo campo é desbravado e mapeado . . .” (Mezan, 2018, p. XIV).

2 As Elaborações Freudianas Sobre o Ego - 1914 e 1921

A presença do conceito de ego ou mesmo o uso do termo “ego” estão contidos na teoria freudiana desde o seu início. Já no *Projeto de uma Psicologia científica* de 1895 o conceito de ego é descrito por Freud como sendo um “ego neurônico” (Mezan, 2018, p. 175). Apesar dessa presença precoce, o conceito não foi desenvolvido nos anos posteriores. A teoria focava em outros aspectos e Freud não trabalhou essa temática. Entretanto, o termo continuou presente nas diversas obras. Durante muito tempo ele não foi explicado ou discutido, apenas referenciado. Ora podia ser compreendido como o todo do indivíduo ora como a parte consciente do aparelho psíquico. Mezan (2018) considera que nesse período, de uma forma geral, o ego podia ser considerado como uma organização psíquica voltada para o mundo exterior e como uma superfície de contato com o aparelho mental propriamente dito (Mezan, 2018, p. 175).

A questão referente à conceituação do ego é retomada por Freud apenas na década de 1910, com a introdução do conceito de narcisismo. Com a descrição do narcisismo, aparece a necessidade de compreender o que é o ego e o que está envolto a ele. Freud discute essa temática em alguns textos a partir de 1910 e a apresenta compilada na obra de 1914 “Sobre o narcisismo: uma introdução” (Mezan, 2018).

Após essa obra, Freud continua seu percurso para a compreensão do aparelho mental, incluindo, revisitando e ampliando diversos conceitos. Especificamente com relação ao ego e o que o constitui, apresenta novas abordagens no texto *Luto e melancolia* de 1917, e, com uma continuidade e amplificação dessa temática trabalhada em 1917, no texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* de 1921 (Mezan, 2018).

Para a compreensão do conceito de ego que é apresentado em 1923 com a elaboração da segunda tópica, será feito um percurso sobre os principais pontos trabalhados nas obras “Sobre o narcisismo: uma introdução” e *Psicologia de grupo e a análise do ego*.

2.1 O narcisismo e o revisitar o ego

O texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006) é considerado por muitos estudiosos um dos trabalhos mais importantes de Freud. Possui uma estrutura densa com conceitos diversos que são, inclusive, desenvolvidos em trabalhos freudianos posteriores. E como o título indica, apresenta as concepções freudianas sobre o tema do narcisismo.

A concepção de narcisismo surge na teoria freudiana como uma tentativa de incluir na teoria da libido as explicações sobre a demência precoce e esquizofrenia, pertencentes ao grupo denominado parafrenias. Freud procura desta forma sustentar o dualismo pulsional que era a base da sua teoria. Neste momento teórico, as problemáticas estavam envoltas ao dualismo entre as pulsões de autoconservação (do ego) e as pulsões sexuais (libido). Mas essa compreensão das pulsões era insuficiente para explicar as ocorrências no psiquismo humano de questões para além daquelas relacionadas às neuroses. Para ampliar o campo de entendimento e de ação da Psicanálise, Freud apresenta, juntamente com o conceito de narcisismo, o conceito de libido do ego, mantendo o dualismo pulsional, mas inserindo dentro das pulsões sexuais a diferenciação entre libido do ego e libido objetal. Como o próprio Freud afirma, há assim uma “extensão da teoria da libido” (Freud, 1914/2006, p.83).

Os primeiros indícios em Freud de tratativa da temática do narcisismo, de acordo com Bomfim (2008), aparecem no texto *Perturbações psicogênicas da visão* (1911) no qual Freud descreve a libidinização do olhar, sendo que o termo aparece pela primeira vez em uma nota de rodapé na segunda edição de 1910 dos *Três ensaios sobre a sexualidade*. As elaborações iniciais da temática ocorreram nos textos *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910); *Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de Paranóia* (1911); “Formulações sobre os dois Princípios do Funcionamento Mental” (1911); *Totem e Tabu* (1913).

Resumindo o que foi trabalhado nos textos precedentes e realizando algumas revisões, Freud apresenta o conceito de narcisismo em 1914 no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”. Insere o narcisismo no curso do desenvolvimento das parafrenias, mas também o apresenta como pertencente ao “curso regular do desenvolvimento sexual humano” (Freud, 1914/2006, p. 81), sendo esses nomeados de narcisismo primário e narcisismo secundário.

O narcisismo primário é o investimento libidinal inicial no próprio ego. Freud considera que no início da vida da criança não há uma diferenciação entre as energias psíquicas, coexistindo as pulsões sexuais (libido) e as pulsões de autoconservação. Presentes desde sempre estão os impulsos auto-eróticos. As primeiras satisfações auto-eróticas estão relacionadas às

funções vitais que tem a finalidade de autopreservação. Essas ocorrem em um corpo fragmentado, nas chamadas zonas erógenas que inicialmente eram partes do corpo que tinham apenas a função de autopreservação, mas que depois se tornaram local de satisfação do auto-erotismo. Em determinado momento, uma “nova ação psíquica” é adicionada a esse auto-erotismo e constitui o chamado narcisismo primário, que é o investimento libidinal em uma unidade: o ego. (Freud, 1914/2006, pp. 83-94) Como bem explica Freud:

Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo. (Freud, 1914/2006, p. 84)

Posteriormente na vida psíquica do indivíduo esse investimento libidinal no ego é, em parte, transmitido para os objetos, constituindo a libido objetal (Freud, 1914/2006, p. 94).

O narcisismo secundário corresponde a um reinvestimento libidinal no ego. Esse ocorre apenas quando já existe o investimento nos objetos citado anteriormente, ou seja, quando já existe a diferenciação entre a libido do ego e a libido objetal. Partindo da concepção da parafrenia, que tem como uma das características o afastamento do mundo externo, Freud explica que a libido retirada do mundo externo é redirecionada para o ego e compõe esse narcisismo secundário, que é superposto ao narcisismo primário. No narcisismo secundário, a libido do ego e a libido objetal, como no início da vida psíquica, possuem o mesmo destino e não se diferenciam entre si.

Como pode ser observado, ao descrever o conceito de narcisismo, juntamente com a teoria pulsional, Freud utiliza do conceito de ego, que há muito não era utilizado em sua teoria. Então, expondo sobre o narcisismo, Freud apresenta a sua concepção de ego. Descreve-a como uma unidade que tem que ser desenvolvida, não estando presente desde o início: “. . . estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido.” (Freud, 1914/2006, p. 84). Para alguns teóricos pós-freudianos, esse desenvolvimento do ego corresponde à “nova ação psíquica” que é acrescentada ao auto-erotismo para provocar o narcisismo inicial, conforme descrição do Freud citada acima. Entretanto, isso não é um consenso, existindo outros autores que consideram a identificação como sendo essa “nova ação psíquica” acrescentada ao auto-erotismo. O importante para o presente trabalho é compreender a concepção freudiana de ego na obra em questão, que é considerado como algo em processo, ou seja, que tem que ser desenvolvido no indivíduo e que tem seu início próximo temporalmente do narcisismo inicial.

Além de Freud citar diretamente o conceito de ego na obra, ele também o faz através da concepção de libido do ego, que foi apresentada pela primeira vez nesse texto freudiano em questão. Como já explicitado, Freud considera que no início não há diferenciação entre as energias psíquicas e que durante o estado de narcisismo elas existem em conjunto. Assim, originalmente há um investimento de libido no ego, sem diferenciação, apenas depois parte dessa libido é investida em objetos, tornando-se libido objetal. Quando ocorre esse investimento nos objetos é que também se torna possível distinguir uma pulsão sexual (libido do ego e libido objetal) de uma pulsão do ego (autopreservação) (cf. Freud, 1914/2006, pp. 83-84).

Freud considera que a pulsão sexual, de uma forma geral, permanece retida no ego. Ela pode investir o objeto e ser recolhida novamente, mas em uma relação de antítese entre a libido objetal e libido do ego. Quanto mais uma é utilizada, mais a outra é esvaziada (Freud, 1914/2006, p. 83). Mezan (2018) afirma que essa concepção está relacionada ao que é nomeado como “princípio de constância”, no qual o aumento do investimento de libido no ego corresponde a uma diminuição da libido objetal, o mesmo ocorrendo com o aumento da libido objetal e uma concomitante diminuição da libido do ego. Nesse sentido o ego aparece na teoria freudiana como uma “estação intermediária do percurso da libido” que investe e desinveste os objetos, sendo um “suporte constante de energia libidinal” (Mezan, 2018, p. 178). Então o ego é como um reservatório da pulsão sexual.

Todos esses conceitos apresentados na obra em questão estão, como já exposto, inseridos na concepção freudiana do dualismo pulsional de pulsões do ego (autoconservação) e pulsões sexuais, mas com uma teoria da libido ampliada com a presença da libido do ego e libido objetal. Nessa conjuntura, como mostra Mezan (2018), o ego continua sendo, dentro da perspectiva do dualismo pulsional, o agente das pulsões de autoconservação, mas agora também passa a ser o objeto privilegiado do investimento libidinal. Ou seja, o ego neste momento teórico está diretamente relacionado às pulsões de autoconservação e ao mesmo tempo é investido por pulsão sexual (Mezan, 2018, p. 256).

Com relação à libido objetal, Freud explica no texto o processo de escolha do objeto que receberá o investimento dela. Ao longo do desenvolvimento, principalmente no início, as crianças realizam suas escolhas de objetos sexuais com base nas experiências de satisfação. Primeiramente a satisfação está ligada às funções vitais e assim os primeiros objetos sexuais da criança são as pessoas que realizam os cuidados referentes à alimentação e à proteção. Esse tipo de escolha objetal é nomeada de “anaclítica” ou “de ligação”. Para além dessa escolha, é possível observar outra que está relacionada ao próprio indivíduo. Nesse caso, ele procura a si

próprio como objeto amoroso, constituindo uma escolha objetal do tipo “narcisista” (Freud, 1914/2006, p. 94).

Freud especifica que ambos os tipos de escolhas objetais podem ocorrer em cada indivíduo, mas havendo sempre uma preferência por uma ou outra escolha. De uma forma geral, considera-se que o homem tende a uma escolha objetal anaclítica e a mulher a uma escolha objetal narcisista. No primeiro caso, há uma supervalorização sexual que corresponde a uma transferência do investimento do narcisismo original para o objeto sexual. Isso é semelhante ao que ocorre quando o sujeito está amando, em que há uma transferência da libido para o objeto com uma conseqüente diminuição da libido do ego, empobrecendo-o. O que ocorre com as mulheres para a ocorrência do tipo de escolha objetal narcisista é que no momento da escolha objetal, após a fase de latência, há uma intensificação do narcisismo original devido à imposição de restrições sociais relacionadas justamente à escolha objetal. Nas mulheres a “. . . necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas. . .” (Freud, 1914/2006, p. 95).

Partindo desses tipos de escolha, Freud explica que de acordo com o tipo de escolha narcisista a pessoa pode amar: “. . . (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma), (b) o que ela própria foi, (c) o que ela própria gostaria de ser, (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma” (Freud, 1914/2006, p. 97). Já com relação ao tipo anaclítico de escolha objetal, ela pode amar “. . . (a) a mulher que a alimenta, (b) o homem que a protege” (Freud, 1914/2006, p. 97).

Ainda no texto de 1914, Freud apresenta reflexões sobre o mecanismo de repressão para, através da concepção agora já compreendida de narcisismo, especificar questões do ego. Primeiramente, reafirma, como em textos anteriores, que a repressão provém do ego, mas explicita que isso ocorre a partir de uma avaliação que o ego faz de si próprio. Essa avaliação é baseada em um ideal que o ego formou em si, através do qual ele mede o seu ego real. Freud assim introduz o conceito de ideal do ego que é considerado uma parte do ego e cuja função é avaliar o restante do ego através do seu parâmetro idealizado (Mezan, 2018, p. 179). Origina-se do narcisismo infantil, aonde o ego possuía toda a auto-suficiência e completude e era ele mesmo o seu próprio ideal. Assim, observa-se que no início não há distinção entre o ego e o seu ideal, existindo um estado de perfeição narcísico na infância em que o ego infantil, como posteriormente também o será o seu ideal, “. . . se acha possuído de toda perfeição de valor.” (Freud, 1914/2006, p. 100).

Observa-se que Freud utiliza os termos “ideal do ego” e “ego ideal” indiscriminadamente. Mas pode-se considerar que ideal do ego é a formação em si e ego ideal é o modelo inatingível que se assemelha ao ego real onipotente da mais tenra infância.

Relacionado ao ideal do ego encontra-se o que Freud nomeia de instância psíquica especial que é a consciência moral. Sua instauração corresponde à incorporação da crítica dos pais e, posteriormente, da sociedade. Atua a partir do ideal do ego, observando o ego real e medindo-o pelo ideal (Freud, 1914/2006, p. 102). Sua função é assegurar a satisfação narcísica, ou seja, verificar constantemente a compatibilidade do ego aos padrões originados no narcisismo infantil (Mezan, 2018, p. 179). Então, do narcisismo infantil surgem “. . . o ideal do ego e a consciência moral, encarnações respectivamente da perfeição infantil e da crítica com que tamanha presunção foi recebida pelos pais e pelos representantes da Civilização.” (Mezan, 2018, p. 247).

Além dessas três funções descritas sobre o ideal do ego, quais sejam, a de auxiliar o ego na repressão, a de auto-observação do ego com base no padrão do ego ideal, e a de autocrítica a partir da consciência moral, cabe frisar que Freud também expõe uma quarta função, que corresponde a um auxílio ao ego na censura dos sonhos: “Se penetrarmos ainda mais na estrutura do ego, também poderemos reconhecer, no ideal do ego e nas expressões orais dinâmicas da consciência, o *ensor dos sonhos* [grifo do autor].” (Freud, 1914/2006, p. 104).

No fim do texto, Freud cita alguns tópicos que ele considera desconexo, mas importantes para a temática. Sobre o ego especificamente ele explica que o desenvolvimento dele consiste em um distanciamento do narcisismo primário através de um deslocamento da libido em direção ao ideal do ego. E que esse distanciamento provoca uma tentativa de recuperação do estado inicial de narcisismo. Esse deslocamento da libido para o ideal do ego e aquele que ocorre para os objetos empobrecem o ego, que volta a se enriquecer pelas satisfações obtidas com os objetos e pela realização do ideal do ego.

Vários dos pontos trabalhados por Freud nesse texto serão abordados em obras posteriores, mas de maneira mais destrinchada. Isso porque alguns conceitos foram apresentados pela primeira vez aqui e, talvez por isso mesmo, de forma muito condensada. Pode-se considerar que nesse texto as principais temáticas trabalhadas por Freud que possuem relação com o ego foram o conceito de narcisismo em si, as relações do ego com os objetos e os investimentos libidinais relacionados a isso, e a apresentação de uma diferenciação no interior do próprio ego com a introdução do conceito de ideal do ego. Freud continuará a desenvolver essas temáticas nos anos subseqüentes à publicação desse trabalho, sendo que alguns desses pontos serão novamente abordados no texto *Psicologia de grupo e a análise do ego*.

2.2 Um caminhar pela *Psicologia de grupo e a análise do ego*

O texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* foi escrito por Freud em 1921, sendo que a publicação imediatamente anterior foi *Além do Princípio do Prazer*, em 1920, texto no qual Freud apresenta o novo dualismo pulsional. Apesar da proximidade e da importância do trabalho de 1920, não há relação direta entre ambos. De acordo com o editor inglês da Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, a relação entre esses dois textos está relacionada à investigação freudiana da estrutura da mente, que foi anunciada em 1920 e teve um avanço no texto de 1921, sendo completada em 1923 no trabalho *O ego e o id*.

Em *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006) Freud procura explicar a alteração mental que é vivenciada pelo indivíduo em um grupo. Utiliza para tanto o conceito de libido, agora já inserido no segundo dualismo pulsional. Essa é considerada a energia dos instintos relacionados a “. . . tudo que pode ser abrangido sob a palavra ‘amor’.” (Freud, 1921/2006, p. 101). O amor sexual (Eros) é aquele que tem a união sexual como objetivo e que mantém sua natureza mesmo quando, devido a alguma circunstância, esse objetivo é desviado ou não é atingido (Freud, 1921/2006, p. 101).

Freud descreve nesse texto as alterações que ocorrem em um indivíduo quando ele está inserido em um grupo e procura compreender o porquê disso e por qual motivo os indivíduos se unem em uma formação grupal (Freud, 1921/2006, p. 84).

Primeiramente, demonstra algumas características dos indivíduos quando estão em um grupo. A afirmação é que em uma formação grupal o indivíduo tem atitudes diferenciadas daquelas que possui quando não está inserido em grupo. O motivo de tais alterações está diretamente relacionado às condições de inserção no grupo que sempre o permitem retirar de si as repressões dos impulsos inconscientes. Conseqüentemente, com a suspensão da repressão aparecem no indivíduo as manifestações do seu inconsciente, fazendo com que suas atitudes sejam diferentes daquelas que realiza quando está fora do grupo (Freud, 1921/2006, p. 85). Todas as inibições da pessoa caem e aparecem todas as crueldades e as destrutividades que estavam encobertas pela repressão (Freud, 1921/2006, p. 89). O aparecimento dessa maldade do indivíduo ocorre porque tudo que é mau na mente humana está presente, como que uma predisposição, no inconsciente (Freud, 1921/2006, p. 85).

Apesar das afirmações acima, Freud também demonstra que em um grupo os indivíduos podem ter atitudes que elevam seus padrões morais, quando, por exemplo, há a devoção a um ideal (Freud, 1921/2006, p. 89). Então, a conduta ética do indivíduo quando em grupo pode se elevar ou se rebaixar (Freud, 1921/2006, p. 90). Mas independentemente dessa gradação em

valor, pode-se afirmar que em qualquer grupo sempre há uma submissão do indivíduo à emoção e uma redução da sua capacidade intelectual (Freud, 1921/2006, p. 99).

É diante dessas observações que Freud reafirma o ponto fundamental para discussão nesse texto: o fato do indivíduo em um grupo estar sujeito a uma profunda alteração em sua atividade mental (Freud, 1921/2006, p. 99). E nesse sentido procurará entender o que ocasiona tal modificação e por que o indivíduo se coloca em um grupo.

Para compreender a formação grupal, Freud apresenta os dois laços emocionais que dominam os grupos, um com o líder e o outro entre os membros do grupo (Freud, 1921/2006, p. 111). Retoma o tema do narcisismo trabalhado em textos anteriores, como na obra “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006) explicitada aqui, para descrever, agora em outros termos, a relação do indivíduo com o objeto que permite esses laços emocionais. Partindo da observação que os elementos exteriores ao grupo são objetos de grande hostilidade e no interior do grupo há ausência de intolerância, afirma que existe uma limitação do narcisismo dos indivíduos quando em formação grupal (Mezan, 2018, p. 267). E essa limitação só ocorre quando existe o laço libidinal com outras pessoas: “O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos.” (Freud, 1921/2006, p. 113).

Envolto nessa temática dos laços libidinais, e para um melhor entendimento disso, Freud descreve o mecanismo da identificação em sua relação com o Complexo de Édipo. A identificação já havia sido discutida por Freud no texto *A interpretação dos sonhos*, de 1900, e no *Luto e Melancolia*, de 1917. (Bomfim, 2008)

Freud especifica que a identificação é “. . . a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (Freud, 1921/2006, p. 115), sendo a forma mais primitiva e original do laço emocional. Desempenha um papel importante no Complexo de Édipo e tem um caráter ambivalente, podendo ser expressão de ternura e de hostilidade pela mesma pessoa. Esse mecanismo tem relação com a fase oral, na qual o objeto é assimilado e assim aniquilado pela ingestão (Freud, 1921/2006, p. 115). Mezan (2018) afirma que na identificação a condição para conservar o objeto é ingeri-lo e conseqüentemente destruí-lo, e por isso a base desse mecanismo é a incorporação (Mezan, 2018, p. 280). Na incorporação, ter o objeto é o mesmo que ser o objeto, com a absorção dele pelo ego (Mezan, 2018, p. 276).

A partir da temática da identificação, Freud descreve o Complexo de Édipo. Primeiramente a criança do sexo masculino se identifica com o pai – que é o modelo para ele. Aproximadamente na mesma época ocorre a escolha objetal, do tipo anaclítico, pela mãe. Esses dois laços psicológicos, a identificação com o pai e investimento libidinal na mãe, coexistem durante um tempo na vida da criança. Mas devido à compulsão por unificação da vida mental,

ambas se convergem, dando origem ao Complexo de Édipo normal (Freud, 1921/2006, p. 116). Então, por querer ser o pai e realizar todas as suas funções inclusive de ter a mãe só para si, que o pai modelo se transforma em rival. A identificação é assim ambivalente desde o início, na qual suas duas faces, o afeto e a rivalidade pelo pai, se opõem mutuamente sem a possibilidade de síntese (Mezan, 2018, p. 280). A percepção que o pai se interpõe no seu acesso à mãe, leva o menino a uma forma hostil de identificação com esse pai. Freud especifica que a partir disso existem diversas possibilidades para essa identificação (Freud, 1921/2006, p.116).

No caso em que o Complexo de Édipo se inverte, o pai se torna o objeto da libido (Freud, 1921/2006, p. 116). Isso mostra que com o pai pode ocorrer a identificação ou ele pode ser escolhido como o objeto. Essa diferença se deve ao fato do laço emocional poder se ligar ou ao sujeito (o modelo a ser seguido) ou ao objeto do ego (aquele que se deseja ter). Em outros casos, a identificação pode aparecer no lugar da escolha objetal, com a escolha objetal regredindo para a identificação. É importante salientar que independente do caminho percorrido, a identificação sempre procura moldar o ego do indivíduo conforme aquele que foi tomado como modelo. Sendo assim, quando a identificação aparece no lugar da escolha objetal, o ego assume as características do objeto, através da introjeção do objeto, total ou parcial, no ego (Freud, 1921/2006, pp. 116-117). Então, o ego pode passar por uma modificação em si devido ao mecanismo da identificação.

Freud apresenta nesse texto os dois pontos citados acima sobre a identificação, quais sejam que a identificação corresponde ao laço libidinal original e que ela promove a introjeção do objeto no ego. Mas cabe enfatizar que além desses, o autor apresenta no texto um terceiro ponto que corresponde à afirmação que a identificação pode aparecer a partir de “. . . qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual.” (Freud, 1921/2006, p. 117).

Dando continuidade a questão do ego, Freud descreve o que ocorre com ele quando a identificação se dá com um objeto perdido. Considera que essa é uma identificação em ampla escala, que remolda o ego em seu caráter sexual, e que utiliza como modelo aquele que até então era o objeto do ego. Tal situação acontece, por exemplo, na gênese do homossexualismo masculino e na melancolia. No primeiro, o indivíduo tem a mãe como objeto sexual, mas na puberdade, quando deveria abandonar o objeto, ao invés de fazê-lo se identifica com ele. Na melancolia há perda real ou emocional do objeto, com a introjeção do mesmo no ego em um processo tal que Freud afirma que nesses casos “a sombra do objeto caiu sobre o ego” (Freud, 1921/2006, p. 118). Além dessa situação descrita, é possível observar através da melancolia a cisão do ego: uma parte do ego contém o objeto perdido e a outra é a parte que o ataca. Freud

esclarece nesse texto que essa parte do ego que é hostil com a outra abrange a consciência moral, que a instância crítica dentro do ego (Freud, 1921/2006, p. 118):

Essas melancolias . . . mostram-nos o ego dividido, separado em duas partes, uma das quais vocifera contra a segunda. Esta segunda parte é aquela que foi alterada pela introjeção e contém o objeto perdido. Porém a parte que se comporta tão cruelmente tão pouco a desconhecemos. Ela abrange a consciência, uma instância crítica dentro do ego, que até em ocasiões normais assume, embora nunca tão implacável e injustificadamente, uma atitude crítica para com a última. (Freud, 1921/2006, p. 118)

A partir disso retoma o que descreveu em textos anteriores, nos quais discorreu sobre o desenvolvimento de uma instância no ego que se separa do restante do ego e entra em conflito com ele. Considera que essa instância é o ideal do ego, e então Freud apresenta as características e descrições sobre o ideal do ego realizadas no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (Freud, 1921/2006, p. 118). No presente texto, acrescenta apenas como função do ideal do ego a tarefa de verificar a realidade das coisas, e relembra como funções dele: “. . . a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão.” (Freud, 1921/2006).

O ideal do ego é o herdeiro do narcisismo original, época na qual o ego infantil era auto-suficiente. Recebe influências do meio ambiente e dessas retira as exigências que coloca para o ego. Mas o ego não consegue alcançar essas exigências e assim o indivíduo encontra a satisfação no ego ideal que remonta ao narcisismo original. Freud, no entanto, enfatiza que a separação entre o ideal do ego e o ego real “. . . é muito variável de um indivíduo para o outro e que, em muitas pessoas, essa diferenciação dentro do ego não vai além da que sucede em crianças” (Freud, 1921/2006, p. 119). Aqui, como no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006), Freud não distingue os termos ideal do ego de ego ideal.

A diferenciação entre o que ocorre na identificação e o que ocorre no estado de estar amando é exposta nesse texto com base no ego e no ideal do ego. Quando o indivíduo está amando, como já colocado no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006), uma grande quantidade de libido narcisista é investida no objeto. A medida que esse estado de amor aumenta, o objeto vai se tornando cada vez mais sublime recebendo mais investimento libidinal e o ego cada vez mais modesto. Freud diz que nesses casos o objeto consumiu o ego. Concomitante a isso, as funções do ideal do ego cessam seu funcionamento, interrompendo a crítica com relação ao objeto. Isso ocorre porque o objeto foi colocado no ideal do ego. Nesse estado de estar amando, o objeto se mantém e recebe um alto investimento do ego, às expensas

do próprio ego. Já na identificação, como descrito, o objeto é introjetado no ego e assim o modifica. (Freud, 1921/2006, p. 124)

Explica que o estado de estar amando se assemelha ao de formação grupal, mas nesse último há ausência de inclinações sexuais. Os laços emocionais permanentes entre as pessoas são ocasionados pelas pulsões sexuais inibidas em seu objetivo, que não conseguem a satisfação completa, nomeadas de 'amor afetivo'. Já as pulsões sexuais desinibidas, relacionadas ao 'amor sensual', são descarregadas quando o objetivo sexual é atingido, ficando reduzida e levando à extinção do amor sensual. Para se manter é necessário que esse último esteja mesclado com o amor afetivo inibido em seu objetivo ou que ele próprio sofra uma transformação desse tipo (Freud, 1921/2006, p. 125).

Relacionando todos esses fatores, Freud conclui sua explicação sobre a constituição libidinal de um grupo que ocorre quando indivíduos colocam um só e mesmo objeto no lugar do ideal do ego e se identificam um com os outros em seu ego (Freud, 1921/2006, p. 126). E mostra que cada indivíduo compõe numerosos grupos, possuindo diversos vínculos de identificação e um ideal ego construído segundo modelos variados. Observa-se, no entanto, que em muitos indivíduos o ego preserva grande parte do seu narcisismo primário não existindo, então, uma separação muito avançada entre o ego e o ideal do ego. (Freud, 1921/2006, p. 139)

Então, em 1921, Freud reinterpreta uma graduação diferenciadora no interior do ego, reinserindo na discussão o conceito de ideal do ego. Mas nesse texto ele acrescenta, além do que já foi descrito, a possibilidade de nas psicoses o ego estabelecer uma relação com o ideal do ego no qual ele passa a ser objeto deste. Ou seja, o ideal do ego que foi desenvolvido a partir do ego e é uma parte do mesmo, pode ter com o ego, e no interior do próprio ego, uma relação no qual o ego é o objeto:

Reflitamos que o ego ingressa na relação de objeto com o ideal do ego, dele desenvolvido, e que a ação recíproca total entre um objeto externo e o ego como um todo, com que o estudo das neuroses nos familiarizou, deve possivelmente repetir-se nessa nova cena de ação dentro do ego. (Freud, 1921/2006, p.140)

Com essa descrição de relação objetal no interior do próprio ego, Freud procura ampliar a compreensão e outras relações possíveis entre o ego e o ideal do ego. Para tanto explica algumas situações em que há renúncias e limitações impostas ao ego. Como por exemplo, a situação que ocorre logo após o narcisismo primário, em que o indivíduo passa de um estado totalmente auto-suficiente para outro em que há a percepção de um mundo externo mutável com a presença de objetos. Devido à impossibilidade de suportar constantemente esse novo, periodicamente retorna-se para o estado de ausência de estimulação no qual há a fuga dos

objetos, estado que corresponde ao sono. Além desse, também expõe sobre o desenvolvimento do indivíduo no qual ocorre uma separação na existência mental em um ego coerente e em uma parte inconsciente e reprimida que fica fora dele. Essa separação é mantida pelas resistências, e constantemente a parte que está fora procura sua entrada contornando as resistências e chegando ao ego, propiciando, assim, aumento temporário do prazer. (Freud, 1921/2006, pp. 140-1)

A partir desses exemplos e da concepção apresentada no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006) de que a repressão ocorre devido à formação e existência do ideal do ego, Freud explica que a revogação do ideal do ego propicia ao ego um grande aumento do prazer, tornando-o novamente satisfeito consigo próprio. Acredita que periodicamente ocorra essa suspensão da separação do ego e do ideal do ego, devido justamente às imposições colocadas ao ego. Como exemplo expõe sobre os grandes festivais, como o carnaval, em que os excessos são permitidos. Nesses casos, o ego se rebela contra o ideal do ego e passa a coincidir com ele. (Freud, 1921/2006, pp. 140-141)

Quando a tensão entre o ego e o ideal do ego se mantém aparece o sentimento de culpa e o de inferioridade. Diante disso, Freud apresenta a hipótese que nos casos melancólicos seguidos de estados maníacos o ideal do ego se converte temporariamente no ego após tê-lo comandado com rigidez. Afirma que nos casos de mania há a fusão do ego e do ideal do ego, no qual o indivíduo sem a autocrítica e conseqüentemente sem inibições apresenta grande auto-satisfação com um estado de ânimo exaltado. Nos casos melancólicos há a suposição que o sofrimento é causado pela tensão extrema entre o ego e o ideal do ego, com esse último exercendo uma condenação atroz ao ego. E Freud questiona-se sobre a causa dessas alterações na relação do ego e do ideal do ego, procurando compreender se está relacionada à rebelião do ego contra o ideal do ego ou se há outros motivos para isso, mesmo sabendo que nem sempre o estado melancólico é seguido de um estado maníaco. (Freud, 1921/2006, p. 142)

Retoma a descrição da melancolia feita no texto “Luto e melancolia” (1917) que está relacionada aos casos em que há o abandono do objeto indigno de amor e esse, introjetado no ego através da identificação, é condenado pelo ideal do ego. Os ataques ao objeto são dirigidos assim para o ego através das autocensuras e autocríticas. Esse é o único caso de melancolia que a causa do conflito entre o ego e o ideal do ego é conhecida. Nomeia-a de melancolia psicogênica, diferenciando-a da espontânea que aparecem sem a ocorrência de fatores externos. A hipótese para a mania após a melancolia psicogênica é de uma rebelião do ego devido ao tratamento severo recebido do ideal do ego após introjeção do objeto rejeitado. Já para o estado eufórico depois de uma melancolia espontânea é a existência de um ideal do ego peculiarmente

muito rígido o que gera automaticamente a sua suspensão temporária. (Freud, 1921/2006, p. 143)

Após essa explanação, é possível observar que no texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006) a explicação da estrutura libidinal dos grupos retoma na teoria freudiana a distinção de ego e ideal do ego. É através dessa diferenciação que Freud explicita os tipos de vínculos existentes entre os indivíduos, que ocorrem através da identificação do ego com um objeto ou da substituição do ideal do ego por um objeto. E como o próprio Freud afirma, essa “espécie de gradação diferenciadora no ego” terá uma significação muito maior com o aprofundamento do estudo das psicoses (Freud, 1921/2006, p.140). Essa busca pela compreensão de uma estruturação da mente que consiga abarcar as novas descobertas da Psicanálise culminará na estruturação da segunda tópica.

3 Segunda Tópica: a Apresentação das Instâncias

Ao longo da construção teórica da Psicanálise, Freud se deparou com diversos impasses no interior da própria teoria e na relação desta com a clínica. Isso o levou a apresentação de novos conceitos e a reformulação de tantos outros ao longo dos anos, como aqueles apresentados nos textos “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914, e *Psicologia de grupo e a análise do ego*, de 1921. Na imbricação desses conceitos e nas dificuldades impostas por eles, Freud precisou reformular a sua concepção da estrutura do aparelho mental e assim apresentou no texto *O Ego e o Id*, de 1923, uma releitura da tópica. Bomfim (2014) considera que os principais motivos que levaram a essa nova formulação tópica do aparelho mental foram o problema da inserção da consciência na tópica, a reformulação do ego a partir do conceito narcisismo, o papel da identificação na constituição do ego e as questões envolvendo o inconsciente e o reprimido. Mezan (2018) afirma que um dos principais fatores que ocasionou essa reformulação foi a percepção clínica que a resistência provém do ego e que ela, ao contrário do que se pensava, é inconsciente.

Freud inicia o texto *O ego e o id* (1923/2006) descrevendo justamente a problemática da propriedade de ser ou não inconsciente. Reafirma o que considera a premissa fundamental da psicanálise, que o psíquico é dividido entre o que é consciente e o que é inconsciente (Freud, 1923/2006, p. 27). E conceitua o ego com base nessa questão: é uma organização coerente de processos mentais à qual a consciência se acha ligada. O ego é responsável por controlar a motilidade e supervisionar os seus próprios processos constituintes. Dele partem as repressões que excluem certas tendências da mente, e ele apresenta as resistências contra isso que foi excluído, ou seja, o reprimido – que é inconsciente (Freud, 1923/2006, p. 30).

Apesar dessa concepção coesa sobre o ego, a partir da clínica Freud observa que desse ego também emanam resistências que são inconscientes, desconhecidas do indivíduo, e que a ele pertencem. Então se defronta com a seguinte questão: há algo no ego que é inconsciente e que se comporta como o reprimido. A explicação teórica até então existente não oferece respostas para essa questão, e traz diversas dificuldades para a prática analítica. Freud então propõe que o conflito descrito na teoria entre consciente e inconsciente e todas as questões envolto a ele seja substituído pelo conflito entre o ego coerente e o reprimido que é excluído dele (Freud, 1923/2006, p. 31). E assim apresenta a reformulação da estrutura do aparelho psíquico, não mais utilizando como diferencial dentro da estrutura a propriedade de ser ou não inconsciente, passando a adotar para tal o critério do desejo (Mezan, 2018, p. 270). A oposição

agora será entre o polo organizado do aparelho psíquico, o ego, e o polo pulsional, o id (Mezan, 2018, p. 270).

É interessante apreender a nova localização freudiana dos sistemas que formavam a primeira tópica e que serão utilizados na elaboração das instâncias da segunda tópica, principalmente do ego. Primeiramente, a consciência é considerada superfície do aparelho mental, sendo que a sua totalidade pertence ao sistema perceptivo Pcpt-Cs. As percepções externas, nomeadas de percepções sensoriais, e as internas, englobando sensações e sentimentos, são assim conscientes. (Freud, 1923/2006, p. 33)

O pré-consciente é diretamente adjacente ao sistema Pcpt-Cs. São pré-conscientes os processos internos que representam deslocamento de energia mental, como os processos de pensamento, que se vinculam a representações verbais – que são resíduos de lembranças que já foram percepções. Somente uma idéia que já foi uma percepção consciente pode tornar-se pré-consciente para então novamente se tornar consciente. Salienta-se que os resíduos mnêmicos verbais foram antes percepções auditivas, e por isso se considera que o sistema pré-consciente possui uma fonte sensorial espacial: “uma palavra é, em última análise, o resíduo mnêmico de uma palavra que foi ouvida” (Freud, 1923/2006, pp. 34 e 35).

Já os processos internos inconscientes que correspondem a sensações e sentimentos somente se tornam conscientes quando atingem o sistema Pcpt-Cs. Esses se comportam como um impulso reprimido e apenas quando há resistência que impede a descarga, gerando então desprazer, é que se tornam conscientes. Então, os sentimentos e as sensações inconscientes são transmitidos diretamente para o sistema Pcpt-Cs, não havendo, portanto, pré-consciente para esses. (Freud, 1923/2006, p. 36)

A partir dessa nova distribuição e localização, Freud especifica que o ego é a instância que se desenvolve a partir do sistema perceptivo, que é o seu núcleo, e que abrange o sistema pré-consciente. Parte dele é inconsciente e se funde com o id, sendo ele próprio o revestimento exterior do id, mas apenas na extensão ocupada pelo aparelho perceptivo (Mezan, 2018, p. 271). A separação entre os dois polos – ego e id – não é nítida, ocorrendo uma fusão entre eles na parte inferior do ego. Uma fração dessa superfície inferior do ego é formada pelas resistências que efetivamente fazem um corte entre as duas instâncias para assim manter a repressão. Observa-se, no entanto, que o reprimido no id continua livre para se comunicar com o ego na parte em que as duas instâncias estão em fusão. Ou seja, o reprimido, que é uma parte do id, em determinado local se separa do ego devido às resistências, mas com ele pode se comunicar através do pedaço da superfície na qual o próprio id mantém a fusão com o ego (Freud, 1923/2006, pp. 38-39). Mezan demonstra que essa comunicação entre o ego e o id explica a

existência no ego tanto das resistências inconscientes quanto de operações intelectuais complexas (Mezan, 2018, p. 275).

O ego é, assim, apresentado como parte do id que se modificou pela influência direta do mundo externo através do sistema perceptivo (Freud, 1923/2006, p. 41). Freud situa o corpo em uma posição especial dentre os objetos do mundo da percepção que chegam ao sistema perceptivo. As sensações corporais externas e internas desempenham um papel importante na formação do ego a partir do id, sendo que é a superfície corporal que, através do tato, recebe as estimulações que produzem as principais sensações corporais. E assim “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal . . . ” e pode ser considerado “. . . uma projeção mental da superfície do corpo” (Freud, 1923/2006, p. 39).

Para seu funcionamento, o ego utiliza as energias advindas do id. Isso ocorre justamente por ele ser a parte modificada do id e por isso possuir energia advinda desse polo pulsional. Então o controle das pulsões exercido pelo ego utiliza a energia propiciada pelas próprias pulsões. (Mezan, 2018, p. 271)

Com essas descrições, é possível compreender que na revisão da tópica Freud apresenta o ego como uma parte modificada do id que passa a ser “. . . o representante na mente do mundo externo real” (Freud, 1923/2006, p. 41). A sua tarefa é aplicar a influência desse mundo externo às tendências do id. Sendo o id o pólo pulsional regido pelo princípio de prazer, o ego que é o pólo organizado procura empregar o princípio de realidade devido à influência do mundo externo (Freud, 1923/2006, p. 38). Freud mostra assim um ego submetido a duas pressões opostas: por um lado tem o id que exige dele a satisfação das suas tendências e por outro tem a realidade que impõe a ele o controle dessas mesmas tendências (Mezan, 2018, p. 271).

Freud então descreve um ego cuja origem está ligada ao processo de diferenciação do id devido ao contato com o mundo externo através do sistema perceptivo. Observa-se que nessa conceituação Freud reduz todo o mundo externo a “. . . um conjunto de coisas submetidas apenas à percepção” (Mezan, 2018, p. 276), não integrando nessa descrição a complexidade das relações intersubjetivas. Apesar dessa descrição, nesse mesmo texto de 1923, *O ego e o id*, Freud também descreve o ego se constituindo a partir da identificação que ocorre após o abandono da escolha objetal, inserindo a origem do ego na intrincada dinâmica das relações. Para isso retoma a temática já trabalhada em textos anteriores sobre a gradação do ego, ou seja, sobre a diferenciação no interior dele.

Essa diferenciação no ego foi apresentada pela primeira vez, como descrito anteriormente, no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006) e a parte distinta no ego recebeu o nome de ideal do ego. Com relação às funções do ideal do ego, Freud as mantém

no texto de 1923, com exceção daquela que foi acrescentada no texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006). Na ocasião foi explicitado como função do ideal do ego a tarefa de verificar a realidade das coisas. Entretanto, diante da descrição da relação do ego com o mundo das percepções, essa função se apresentou novamente como tarefa do próprio ego.

A discussão sobre a identificação também é retomada, sendo que havia sido apresentada, inicialmente, no texto “Luto e Melancolia”, de 1917, e ampliada no texto *Psicologia de grupo e a análise do ego*, de 1921. Como explicitado, no texto *O ego e o id* (1923/2006), a identificação é considerada como determinante na formação do ego “. . . e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu ‘caráter’.” (Freud, 1923/2006, p. 41). Freud descreve como isso se efetua.

Considera que no início da vida, durante a fase oral, o investimento no objeto e a identificação são indistinguíveis entre si. Nesta etapa, há o funcionamento da incorporação na qual ter o objeto equivale a ser o objeto (Mezan, 2018, p. 26). Apenas posteriormente o id, que Freud afirma ser o grande reservatório de libido, sentirá as tendências eróticas como uma necessidade e então iniciará o investimento libidinal objetual. O ego, que ainda está se desenvolvendo, tem apenas duas opções: ou aceita o investimento objetual ou tenta desviá-lo pelo processo de repressão. Quando efetiva o investimento libidinal pode acontecer de, posteriormente e por situações diversas, o ego precisar abandonar os objetos sexuais que receberam esse investimento libidinal. Freud supõe que a condição para que o id aceite esse abandono seja a introjeção do objeto no ego, através do processo de identificação. (Freud, 1923/2006, pp. 42-43).

A introjeção provoca uma modificação na estrutura do ego, que se modifica para acomodar o objeto introjetado (Mezan, 2018, p. 277). Assumindo as características do objeto o ego se força a ser o objeto de amor do id, o que pode ser considerado como uma forma do ego obter controle sobre o id: sujeitando-se às exigências do id e compensando a perda que ele teve (Freud, 1923/2006, p. 43).

Esse processo de abandono do objeto sexual e introjeção dele no ego, através da identificação, é freqüente na vida do indivíduo, principalmente nas fases primitivas de desenvolvimento. Devido à regularidade com que ocorre e por sempre ocasionar uma modificação no ego, considera-se que o ego é em si um precipitado dos investimentos objetuais abandonados e contém a história dessas escolhas objetuais realizadas pelo indivíduo (Freud, 1923/2006, p. 42). “Sou quem amei; sou o que fiz de meus modelos, sou quem incorporei na voracidade absoluta de contar em mim o mundo” (Mezan, 2018, p. 278).

É interessante pontuar que neste movimento a libido objetual, que investia os objetos, se torna libido narcísica, que investe o ego que agora contém o objeto. Assim, observa-se que a passagem da libido para o ego após ter investido o objeto forma o narcisismo secundário do indivíduo. Aqui então Freud retoma o conceito de narcisismo secundário, formado a partir do investimento no ego devido às diversas identificações do indivíduo ao longo do seu desenvolvimento, mas ele especifica que a libido quando se torna narcisista perde seus objetivos sexuais, em uma espécie de sublimação, com a dessexualização (Freud, 1923/2006, p. 43).

Dentre todas as identificações que formam o caráter do ego a partir da introjeção do objeto abandonado, as primeiras identificações que ocorrem na mais primitiva infância terão os efeitos mais gerais e duradouros no indivíduo (Freud, 1923/2006, p. 43). A identificação com os pais é considerada direta e imediata, ocorrendo antes mesmo do que qualquer investimento libidinal em objetos. Freud retoma o que afirmou no texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006) que a identificação é a forma mais primitiva e original de ligação com outra pessoa, e aqui acrescenta que essa primeira e primitiva identificação é aquela que ocorre com os pais.

As primeiras escolhas objetais de um indivíduo também estão relacionadas aos pais. O desfecho após essas primeiras escolhas objetais leva a um tipo de identificação semelhante à identificação primária, reforçando essa última. Isso explica a afirmação acima que as primeiras identificações têm efeitos mais duradouros, por ocorrer na mais tenra infância e durante as primeiras fases do desenvolvimento (Freud, 1923/2006, p. 44). Para melhor compreensão dessas questões, Freud retoma a discussão sobre o Complexo de Édipo.

Primeiramente Freud descreve o que nomeia de “complexo de Édipo positivo simples num menino” (Freud, 1923/2006, p. 45) tal como já descrito no texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006). A criança do sexo masculino desenvolve o investimento libidinal objetual pela mãe e identifica-se com o pai. Ambas as situações coexistem harmoniosamente até que o pai seja percebido como obstáculo à mãe. Neste momento a relação objetual com a mãe é mantida, mas a ambivalência da identificação, presente desde o início, se torna manifesta e gera atitudes hostis e afetuosas com o pai. Ele é o modelo a ser seguido e ao mesmo tempo é aquele que tem que ser eliminado. A dissolução do complexo de Édipo conduz ao abandono do investimento libidinal objetual na mãe. Freud pontua que nesse caso há dois caminhos que podem ser percorridos, quais sejam: a identificação com a mãe ou a intensificação da identificação com o pai. O último caso ocorre mais frequentemente com a consolidação da masculinidade no caráter da criança e a manutenção da relação afetiva com a mãe. (Freud, 1923/2006, pp. 44-45)

Por analogia com a descrição do complexo de Édipo no menino, Freud apresenta o desfecho na menina: ocorre a intensificação da identificação com mãe ou a instalação pela primeira vez dessa identificação, e em ambas há a consolidação do caráter feminino da menina (Freud, 1923/2006, p. 44).

O próprio Freud observa que a identificação utilizada na descrição do Complexo de Édipo não corresponde à introjeção do objeto abandonado como descrito no mecanismo de identificação até então apresentado por ele. Quando ocorre a introjeção do objeto abandonado, ele considera que houve um desfecho alternativo do complexo de Édipo e afirma ser mais fácil percebê-lo nas meninas. Nessa situação haverá identificação com o objeto de amor abandonado, o pai, que será introjetado no ego com um conseqüente reforço da masculinidade na menina. (Freud, 1923/2006, pp. 44 e 45)

Explica que a identificação após a dissolução do Complexo de Édipo não está relacionada ao objeto abandonado, mas sim com a força da masculinidade ou da feminilidade à disposição da criança. O próprio Freud não apresenta o que seria essa força à disposição do menino e da menina, mas afirma que ela é uma das formas pelas quais a bissexualidade se torna responsável pelo resultado do complexo de Édipo ser uma identificação com o pai ou com a mãe (Freud, 1923/2006, p. 45). E partindo da afirmação que a bissexualidade está originalmente presente em toda criança, apresenta o complexo de Édipo completo: um menino tem concomitante à atitude ambivalente com o pai e à escolha objetal da mãe, uma escolha objetal pelo pai com a identificação ambivalente pela mãe. E são essas diversas possibilidades de resolução do complexo de Édipo colocadas pela bissexualidade que levam à dificuldade em descrever as relações entre as escolhas objetais e as identificações resultantes de todo o processo (Freud, 1923/2006, p. 46).

Mezan (2018) apresenta as duas formas que a bissexualidade se relaciona com o Édipo na teoria freudiana:

A bissexualidade se relaciona com a situação edipiana de duas maneiras: por um lado, a constituição pode ser concebida segundo uma fórmula em que as tendências masculinas e femininas se equilibram, ou uma delas prevalece; por outro lado, a forma dita completa do complexo de Édipo – identificação e escolha de objeto incidindo sobre ambos os progenitores –, depende da existência de inclinações bissexuais em grau acentuado, com o resultado de que tanto o pai como a mãe são investidos de carinho e de repúdio, vigorando a ambivalência nas duas relações. (Mezan, 2018, p. 281)

Diante dessas questões e procurando explicitar a formação advinda do desfecho do complexo de Édipo, Freud descreve uma série de quatro combinações dentro da qual pode se

localizar as tendências do complexo de Édipo de cada criança. Em um extremo está o complexo de Édipo positivo normal, no outro está o negativo invertido e entre eles a forma completa do complexo de Édipo, sendo que essa última possui sempre um ou outro componente preponderante. Essas quatro tendências se agruparão na dissolução do complexo de Édipo para produzir uma identificação paterna e uma identificação materna. A identificação paterna do objeto substitui a relação de objeto com o pai, pertencente ao complexo de Édipo negativo invertido, e mantém a relação de objeto com mãe, que pertencia ao complexo de Édipo positivo normal. O mesmo ocorre com a identificação materna, que mantém a relação de objeto com pai e substitui a relação de objeto com a mãe. A intensidade dessas identificações em cada indivíduo refletirá a preponderância das suas disposições sexuais. (Freud, 1923/2006, p. 46)

O ideal do ego na teoria freudiana é agora apresentado como resultado dessa fase sexual dominada pelo complexo de Édipo cuja dissolução resultou em duas identificações, unidas uma com a outra. Identificações que modificam o ego e formam então um precipitado nesse que ocupa uma posição especial e se confronta com os outros conteúdos do ego. Aqui Freud usa os termos ideal do ego e superego como sinônimos: é o precipitado no ego advindo do resíduo das primitivas escolhas objetais introjetadas através do processo de identificação e que “. . . representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas.” (Freud, 1923/2006, p. 47).

O superego é então herdeiro do complexo de Édipo. E, como tal, é também a expressão de importantes impulsos libidinais do id, pois o complexo de Édipo em sua história é permeado pelas pulsões advindas do id. O superego é representante do id da mesma forma que o ego é representante da realidade. É possível perceber que com a origem do superego, o ego conseguiu dominar o complexo de Édipo, mas para tanto se sujeitou às tendências do id. E isso faz com que primitivos conflitos do ego com id continuem a existir em conflitos com o superego. (Freud, 1923/2006, pp. 48-51)

Como explicitado, Freud demonstra que o superego é um resíduo das primitivas escolhas objetais do id, mas, ao mesmo tempo, ele é aquele que apresenta uma reação enérgica contra essas escolhas. A identificação com o pai que levou à formação desse precipitado no ego representa o modelo no qual o indivíduo deve ser como o pai, inclusive com relação à autoridade. Mas junto com esse também foi introjetada a proibição do incesto, mostrando que o indivíduo não pode ser como o pai que possui a mãe. Daí a agressividade do superego contra as escolhas objetais do id. (Freud, 1923/2006, p. 47)

Retomando todas essas descrições, observa-se que Freud apresenta o ego como sendo formado a partir de identificações que se estabelecem após o abandono de objetos investidos libidinalmente pelo id. A primeira identificação, que se formou enquanto o ego ainda era fraco,

se constitui como uma instância especial no ego. Ela é herdeira do complexo de Édipo e possui, assim, os resquícios dos objetos mais significativos para o ego. A medida que o ego vai se fortalecendo, ele se torna mais resistente às influências das diversas identificações. Mas o superego traz a lembrança da primitiva fraqueza e dependência do ego, o que o auxilia a manter-se a parte do ego e dominá-lo: “. . . o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego.” (Freud, 1923/2006, p. 61).

Então no texto *O ego e o id* (1923/2006), Freud apresenta o superego com uma especial severidade contra o ego, procurando controlá-lo. Mas é preciso salientar que também vê o superego como aquele do qual provêm os elementos éticos do ser humano, como os citados por Mezan (2018):

. . . do superego derivam os elementos superiores da vida ética: o impulso para a formação da consciência religiosa – na medida em que substitui a nostalgia do Pai -; o germe da consciência moral – fruto da tensão entre o ego e os severos padrões do superego -; o princípio da interiorização das normas sociais, e portanto da humanização do pequeno animal engegrado pelo homem e pela mulher. (Mezan, 2018, p. 296)

A existência no superego daquilo que pode ser considerado como o mais elevado na mente humana está diretamente relacionada com a filogênese e o complexo paterno do totemismo:

A religião, a moralidade e um senso social – os principais elementos do lado superior do homem – foram originalmente uma só e mesma coisa. Segundo a hipótese que apresentei em *Totem e Tabu*, foram filogeneticamente adquiridos a partir do complexo paterno: a religião e a repressão moral através do processo de dominar o próprio complexo de Édipo, e o sentimento social mediante a necessidade de superar a rivalidade que então permaneceu entre os membros da geração mais nova. (Freud, 1923/2006, pp. 49-50)

No texto *O ego e o id* (1923/2006), Freud discorre sobre essa herança filogenética não só no superego, mas nas três instâncias. A percepção externa, como já afirmado, não pode ser experienciada pelo id, ela o é apenas através do ego que possui o contato com o mundo externo. Quando essas experiências se repetem frequentemente e em grande intensidade em vários indivíduos e por diversas gerações, elas se tornam experiências do id e são nesse preservadas como herança da espécie humana. O id então é a parte que pode ser herdada e assim nele “. . . acham-se abrigados resíduos das existências de incontáveis egos” (Freud, 1923/2006, p. 51). Por o ego ser a parte modificada do id, ele também sofre influência direta dessa herança e as experiencia em si. E por o superego ser justamente uma formação do ego a partir do id (Freud,

1923/2006, p. 51), ele é aquele que possui “. . . os vínculos mais abundantes com a aquisição filogenética de cada indivíduo – a sua herança arcaica.” (Freud, 1923/2006, p. 49).

Sobre a relação enérgica do superego com o ego, Freud explica que uma condenação do ego efetivada pelo superego pode gerar um sentimento consciente de culpa ou de inferioridade, devido justamente à tensão existente entre essas duas instâncias. O sentimento de culpa é a percepção do ego da crítica que sofre do superego. Especialmente na melancolia e na neurose obsessiva o superego é extremamente severo com o ego e por isso gera um forte sentimento de culpa. A diferença entre ambas, nesse quesito, consiste que na neurose obsessiva o ego se rebela contra a hostilidade do superego, enquanto que na melancolia o ego aceita a sua culpa e se sujeita totalmente ao superego. (Freud, 1923/2006, pp. 63-64)

A hipótese levantada por Freud é que a maior parte dos sentimentos de culpa, ao contrário dos descritos acima, é inconsciente. Alguns dos casos em que o sentimento de culpa é inconsciente, como na histeria, ocorrem devido às repressões efetivadas pelo ego que foram de encontro às críticas realizadas pelo superego. Mas isso não explica todos os casos. O que Freud afirma é que os sentimentos de culpa são em sua maioria inconscientes por a origem da consciência moral, e do superego como um todo, encontrar-se totalmente ligada ao complexo de Édipo, que em si é um processo inconsciente. (Freud, 1923/2006, p. 63)

Ainda no texto de 1923, Freud retoma a explicação do dualismo pulsional apresentado em 1920 no texto *Além do Princípio do prazer*. Com isso apresenta a relação entre ego e o id com as duas pulsões apresentadas no referido texto, além da relação dessas com o princípio do prazer que domina o aparelho mental.

As pulsões apresentadas em 1920 são: a pulsão de vida, que também é nomeada como Eros, e a pulsão de morte. A primeira abrange a pulsão sexual – inibida e desinibida em seu objetivo, e a pulsão de autopreservação. Ela efetiva uma combinação das “. . . partículas em que a substância viva se acha dispersa” (Freud, 1923/2006, p. 53) procurando preservar a vida. A pulsão de morte, por sua vez, tem como função conduzir a substância orgânica para o estado inanimado inicial. Freud afirma que as duas pulsões trabalham para restabelecer o que foi perturbado com o surgimento da vida. Assim, o surgimento da vida é tanto a causa da continuação da própria vida como a causa do esforço para a morte. (Freud, 1923/2006, pp. 53-54)

As duas pulsões estão presentes em toda substância viva, sendo que cada partícula possui uma proporção específica de cada uma dessas pulsões. Considera-se que há uma fusão e uma ligação entre ambas e, assim, há também a possibilidade de defusão entre elas. Dessas afirmações, compreende-se que com a defusão das pulsões há um aumento na pulsão de morte

do indivíduo e que uma regressão da libido nas fases de desenvolvimento corresponde a uma des fusão, enquanto que um avanço está diretamente relacionado a uma fusão das pulsões. (Freud, 1923/2006, p. 54)

Freud apresenta a hipótese de existência tanto no ego como no id de Eros dessexualizado ou sublimado. Essa seria uma energia neutra em si própria que é deslocável e pode ser adicionada tanto na pulsão de vida quanto na pulsão de morte. Funciona “. . . a serviço do princípio do prazer, para neutralizar bloqueios e facilitar a descarga.” (Freud, 1923/2006, p. 57). O caminho efetivado pela descarga é indiferente, assim como o é o investimento objetal que ela realiza, importando apenas a descarga em si. A característica principal de Eros presente nessa energia é a finalidade de unir e de ligar, por isso ela pode ser tanto Eros dessexualizado quanto sublimado, pois manterá a finalidade de estabelecer uma tendência à unidade (Freud, 1923/2006, p. 58).

O ego é apresentado como aquele que efetiva um trabalho em oposição aos objetivos de Eros quando se transforma em objeto de amor do id, recebendo os investimentos libidinais objetais. Como já exposto, há nessa situação a transformação da libido objetal em libido narcísica com uma dessexualização da mesma. Freud não aprofunda nessa temática, apenas afirma que quando o ego dessexualiza ou sublima a libido do id, ele “. . . está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos instituais opostos.” (Freud, 1923/2006, p. 58).

Com essas explicações, Freud apresenta uma concepção de narcisismo do ego como sendo um narcisismo secundário. Primeiramente, a libido está totalmente presente no id e o ego ainda está em processo de formação, sendo considerado um ego fraco. Quando o id passa a investir libidinalmente os objetos, o ego, já fortalecido, procura se impor para o id como objeto de amor e obter para si a libido objetal. “O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos.” (Freud, 1923/2006, pp. 58-9).

Considera-se que a vida é governada pelo princípio de constância de Fechner – explicado no texto *Além do Princípio do Prazer*, de 1920, e apenas citado aqui – que conduz ao estado inanimado inicial, guiando para a morte. Eros, no entanto, apresenta as necessidades pulsionais que elevam o nível de energia e então de tensão que, posteriormente, tende a baixar. O id, que é guiado pelo princípio de prazer, evita as tensões propiciadas por Eros. Para tanto, aceita as exigências da libido de forma que ela seja rapidamente descarregada. E assim, Freud explica que o ego auxilia o id nesse propósito, ao sublimar parte da libido e por tanto diminuir as tensões. (Freud, 1923/2006, pp. 59-60)

A partir de todas as conceituações e explicações apresentadas no texto de 1923, Freud explica a relação do ego com as demais instâncias que compõem a tópica. A diferenciação entre elas do ponto de vista da moralidade é assim descrita: o id é amoral, o ego se esforça por ser moral, e o superego é supermoral. Mas a relação entre essas instâncias fica mais clara na explicação que Freud fornece sobre a neurose obsessiva. Nessa enfermidade, devido a uma regressão à organização pré-genital, o investimento libidinal afetivo no objeto proveniente do id se transforma em agressivo com a liberação da pulsão de destrutividade que visa eliminar o objeto. O ego não corrobora com isso e luta contra essa pulsão, através das formações reativas, e a mantém no id. O superego enxerga o ego como o responsável pelo desejo de destruição e pela transformação do amor em ódio, e o censura por isso. O ego se percebe envolto de um lado pelas tendências destrutivas do id e do outro pela censura punitiva do superego. O resultado é que ele consegue controlar apenas as ações mais brutais tanto do id quanto do superego, mas por não controlar as ações em sua totalidade é possível observar no indivíduo tanto uma auto tortura quanto uma tortura efetivada contra o objeto. (Freud, 1923/2006, p. 66)

Então Freud localiza o ego “. . . como uma pobre criatura que deve serviços a três senhores e, conseqüentemente, é ameaçado por três perigos: o mundo externo, a libido do id e a severidade do superego.” (Freud, 1923/2006, p. 68). Ameaçado por perigos vindo de três direções, o ego é a sede real da ansiedade. Diante do perigo, ele retira o seu investimento naquilo que o ameaçou, seja da percepção ou de algo advindo do id, e libera-o em forma de ansiedade. Com relação ao superego, a ameaça está ligada ao medo da castração advindo do complexo de Édipo, já que o resultado desse foi a modificação do ego e a formação do superego. Tal medo persiste no ego como pavor do superego. (Freud, 1923/2006, pp. 69-70)

Cabe salientar que nesse texto *O ego e o id* (1923/2006) as funções do ego se clareiam. Devido à sua relação com o mundo externo, através do sistema perceptivo, o ego é aquele que fornece aos processos mentais uma ordem temporal e permite a conexão deles com a realidade. Ele controla a mobilidade através da possibilidade de efetivar, quando necessário, um adiamento da descarga motora. O ego também recebe influências do id e é dele que advém sua energia. Os investimentos libidinais objetivos do id tem como resultado alterações no ego, inclusive em sua estrutura quando forma o superego. Assim, as influências do id no ego chegam diretamente pelo próprio id ou através do superego. (Freud, 1923/2006, pp. 67-68).

E Freud esclarece que o ego se comporta como um mediador entre o id e o mundo externo, procurando aplacar os desejos do id de acordo com o mundo externo e ao mesmo tempo fazer com que o mundo externo coincida com os desejos do id. No último caso, o ego utiliza-

se da motilidade para buscar a conciliação. Já no primeiro, ele próprio se oferece como objeto libidinal para o id, sendo submisso a ele e evitando conflitos. (Freud, 1923/2006, pp. 68-69)

4 Retomando, Ampliando e Modificando conceitos: a Construção do Ego

A partir da leitura do texto *O ego e o id* (1923/2006) no qual Freud apresenta a segunda tópica da sua teoria psicanalítica com as três instâncias que a formam, o ego, o id e o superego, é possível perceber a retomada, ampliação e algumas modificações de conceitos trabalhados anteriormente pelo autor. De acordo com o que foi observado no destrinchar das obras “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006) e *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006), o conceito de ego presente no *O ego e o id* (1923/2006) absorve concepções trabalhadas em ambos os textos citados.

No texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” Freud (1914/2006) retoma a discussão sobre a concepção de ego dentro da teoria psicanalítica. Por anos o conceito de ego não foi trabalhado, mas era constantemente citado na obra freudiana. Ao retomar o termo o conceituando, Freud apresenta o ego como uma unidade que é formada ao longo do desenvolvimento do indivíduo, frisando que no início da vida psíquica não há ego. O ego tem que ser desenvolvido. E o é através de uma “nova ação psíquica” adicionada ao autoerotismo. Esse entendimento de um ego que se desenvolve apresenta certa continuidade nos textos abordados nesse trabalho. Isso fica nítido no texto *O ego e o id* (1923/2006) quando Freud apresenta a concepção de que o ego é a parte modificada do id. O id está presente desde o início e apenas através do contato com o mundo externo é que o ego se constitui a partir desse id: o ego é a parte modificada do id que entrou em contato com o sistema perceptivo. Então, é possível perceber o entendimento freudiano de que ao longo do desenvolvimento do indivíduo uma unidade se constitui no ser psíquico, sendo que em 1923 essa passa a ser considerada uma instância dentro do aparelho mental.

Tal concepção também aparece na conceituação do ego a partir do mecanismo de identificação, sendo que Freud afirma que o ego contém os resquícios das escolhas objetais realizadas ao longo da vida do sujeito. O que demonstra, mais uma vez, essa idéia freudiana de um processo de desenvolvimento do ego. O mecanismo de identificação será discutido mais adiante nesse texto.

A abordagem feita nesse trabalho abarca os anos de 1914 a 1923, sendo que em tal espaço temporal houve uma mudança do pensamento freudiano sobre o dualismo pulsional. Em 1914 a discussão é perpassada pela concepção de pulsão sexual (libido) e pulsão de autopreservação. O conceito de narcisismo é explicado como um investimento libidinal no próprio ego, em uma ampliação da teoria da libido que passa a conter a libido objetal e a libido do ego. Essa ampliação da teoria da libido, na qual há a diferenciação de uma libido que investe

os objetos e outra que investe o ego, é utilizada por Freud nos textos de 1921 e 1923. Esses textos já estão inseridos no campo teórico do novo dualismo pulsional, no qual há a pulsão de vida, que engloba as pulsões sexuais e as de auto-conservação, e a pulsão de morte.

Em *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006) descreve que o amor a si mesmo narcisista, em um investimento libidinal no ego, só é interrompido quando há justamente o amor pelo outro, que corresponde ao investimento libidinal no objeto. Então é possível observar que o percurso apontado por Freud nesse texto tem semelhança com o aquele que foi descrito em 1914: há um investimento libidinal no ego, sendo que esse só cessa quando há um investimento no outro, o que forma assim o laço libidinal.

Quando Freud explica uma parte da relação existente entre o ego e o id em 1923, ele utiliza essa diferenciação da libido, e os investimentos que ela efetiva, apresentados em 1914 e continuados em 1921. Descreve que o id, sede das pulsões, não aceita perder o objeto sexual para o qual se direciona o investimento libidinal. Entretanto, por vezes, ocorre desse objeto sexual ser abandonado. Nesta situação o objeto é introjetado no ego para onde passa a fluir o investimento libidinal. A libido objetual se transforma no que Freud agora nomeia como libido narcísica que investe o próprio ego. O ego passa a ser o objeto de amor do id, compensando a perda que o id teve e assim o controlando. Então, há continuidade na compreensão da existência de uma libido que ora investe os objetos ora investe o ego, novamente explicitando a concepção de um ego que recebe o investimento libidinal. Esse mecanismo no qual o investimento libidinal retorna para o ego corresponde ao narcisismo secundário, como apresentado em 1914.

O conceito de narcisismo secundário permanece o mesmo na teoria freudiana: a libido retirada dos objetos é investida no ego. No entanto, em 1923, Freud não mais discorre sobre um narcisismo primário. No texto *O ego e o id* (1923/2006) ele descreve o que nomeia como narcisismo do ego. Apesar de continuar utilizando a concepção que há um desenvolvimento do ego, esse desenvolvimento não está mais relacionado ao narcisismo. Freud considera que quando ocorre o narcisismo do ego, o ego já se fortaleceu, não sendo o narcisismo um dos pontos relacionados ao seu desenvolvimento. Esse narcisismo do ego corresponde ao investimento no ego da libido retirada dos objetos, por isso ele é considerado um narcisismo secundário, não havendo mais o narcisismo primário descrito nas obras anteriores.

Freud especifica, ainda, que quando a libido é investida no ego ela perde seus objetivos sexuais, em uma dessexualização dela, o que forma uma espécie de sublimação. Então, como exposto, há uma continuidade na concepção de 1914 no que corresponde ao investimento libidinal, ou seja, uma libido que investe tanto o objeto como o ego, e no que corresponde à conceituação de narcisismo secundário. Entretanto, mesmo utilizando a nomenclatura “libido”,

quando Freud a denomina como libido narcísica em 1923, ele afirma que há uma inibição do objetivo sexual dela e, conseqüentemente, do objetivo do narcisismo: “A transformação [de libido erótica] em libido do ego naturalmente envolve um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização.” (Freud, 1923/2006, p. 58). Isso está relacionado com o segundo dualismo pulsional freudiano, no qual ele descreve pulsões sexuais desinibidas em seu objetivo e pulsões sexuais inibidas em seu objetivo. Então, o ego na segunda tópica ainda é investido libidinalmente, mas com uma pulsão sexual desinibida em seu objetivo, no que Freud descreve como “uma espécie de sublimação” (Freud, 1923/2006, p. 43).

Outra modificação do pensamento freudiano de 1914 a 1923, mas que especifica uma continuidade dos conceitos nas obras, é que no texto que expõe sobre o narcisismo, o ego é considerado o reservatório da pulsão sexual, para onde e de onde a libido fluía e refluiu. Nesse contexto, como explicitado, o ego é o agente da pulsão de autopreservação ao mesmo tempo em que é investido pela pulsão sexual, que ora está no ego e ora está nos objetos dentro de um princípio de constância libidinal. Com a apresentação do id e a demarcação dessa nova instância, ela passa a ser o pólo pulsional, de onde sai os investimentos libidinais e do qual, inclusive, o ego pega a energia emprestada para o seu próprio funcionamento.

O processo de escolha do objeto que receberá esse investimento libidinal discutido até aqui é trabalhado por Freud nos três textos. E está totalmente relacionado com a concepção de ego presente no texto *O ego e o id* (1923/2006) em que o autor descreve que é “. . . possível supor que o caráter do ego é um precipitado de catexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto.” (Freud, 1923/2006, p. 42).

Como descrito, no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006) há a apresentação dos dois tipos de escolhas objetais que cada indivíduo pode realizar: a escolha anaclítica ou a narcisista. A primeira corresponde à escolha objetal daqueles que efetivam o cuidado da criança, satisfazendo as suas necessidades vitais. A escolha narcisista ocorre quando o indivíduo procura a si próprio como objeto amoroso. Essa temática é retomada por Freud no texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006). O autor descreve que “A libido se liga à satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que têm uma parte nesse processo.” (Freud, 1921/2006, pp. 113-114).

Em uma continuidade desse entendimento, no texto *O ego e o id* (1923/2006), o autor afirma que as escolhas objetais do primeiro período sexual estão ligadas ao pai e à mãe da criança. Mas nesse texto já está delineado que a escolha parte do id. Aqui, como em 1914 e 1921, Freud considera que inicialmente na vida psíquica não há um investimento objetal. Entretanto, especifica que esse investimento se inicia quando o id percebe suas tendências

pulsionais, em um momento em que o ego ainda está se desenvolvendo, ou seja, é o id que passa a procurar o investimento no objeto. O ego por sua vez pode reprimir esse investimento ou aceitá-lo. Então neste momento da teoria Freud especifica que o ego tem a função de aceitar ou rejeitar, através da repressão, os investimentos do id, sendo que o próprio ego receberá posteriormente parte desses investimentos libidinais do id.

Essas descrições sobre o investimento objetal, com as escolhas objetais e a forma como elas ocorrem, estão diretamente relacionadas com o conceito de identificação. E é devido à identificação que Freud fez a afirmação citada acima, de que o ego é formado por objetos abandonados e assim contém o histórico das escolhas objetais de cada indivíduo. No texto que discorre sobre o narcisismo, Freud não especifica o mecanismo de identificação. Mas pode-se considerar que ele já delineava o que mais tarde constituiria o mecanismo em si. Isso porque Freud apresenta as relações objetais do indivíduo, como descrito acima, e os primórdios das questões relacionadas ao investimento libidinal no ego, que constituiu o narcisismo tanto primário quanto secundário.

De 1914 a 1921, Freud continua trabalhando essas questões e no texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006) ele apresenta o que foi discutido nesse intervalo de tempo e amplia alguns aspectos. A identificação é então apresentada como o mais remoto laço libidinal com o outro. Ocorrendo, inclusive, antes mesmo de qualquer escolha objetal. O processo de identificação é ambivalente, no qual o indivíduo se identifica com aquele que ele referencia como modelo a ser seguido e ao mesmo tempo o rival a ser eliminado. E aqui Freud explicita o papel da identificação no ego, mostrando como ele é modificado por ela. O que mais tarde será utilizado na concepção de ego da segunda tópica. Em 1921, já propõe que a “. . . identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo.” (Freud, 1921/2006, p. 116). E demonstra o funcionamento dela, que se assemelha com o da incorporação da fase oral do desenvolvimento, no qual ser é igual a ter o objeto. A maneira que o ego se modifica com a identificação é explicada através dessa incorporação, mais especificamente introjeção, do objeto nele. A partir disso, o investimento libidinal que ia para o objeto passar a fluir para o ego.

A mesma explicação continua presente no texto *O ego e o id* (1923/2006). Freud prossegue afirmando sobre o processo da identificação no qual há a introjeção do objeto no ego, modificando-o. Nesse texto Freud reafirma que o caráter do ego é formado a partir das identificações. E especifica que as primeiras identificações, que são aquelas que ocorrem com os pais, são as que mais influenciam a formação do ego do indivíduo. A identificação continua sendo considerada a primeira ligação com outra pessoa, que ocorre antes mesmo de uma escolha

objetal, e essa primitiva identificação é justamente a que ocorre com os pais. Como já explicitado, a introjeção do objeto no ego faz com que ele passe a receber o investimento libidinal, agora proveniente do id.

Mas nesse texto de 1923, Freud também descreve uma modificação no ego através da identificação sem que haja, para isso, a introjeção do objeto nele. Essa identificação é a que provém do complexo de Édipo. E então a relação com os pais na mais tenra infância, além de influenciar diretamente na constituição do ego por ser a primeira identificação da criança, também influenciará por ser a primeira escolha objetal do menino e da menina e assim estar ligada ao complexo de Édipo e ao superego.

As funções do superego foram gradativamente construídas por Freud ao longo dos anos, como apresentado nesse trabalho. Mas o processo que o origina se modifica na descrição freudiana elaborada no texto *O ego e o id* (1923/2006). O superego continua advindo de uma gradação no interior do ego, mas em 1923 é apresentado um novo processo de formação desta que agora será uma instância, originada ainda do ego, mas não mais pertencente a ele.

A primeira descrição de gradação do ego aparece no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006). Partindo da explicação sobre o narcisismo infantil, Freud apresenta uma diferenciação dentro do ego que forma o que é o ideal do ego. Ele é apresentado como uma instância dentro do ego que o controla, de maneira que ele alcance o seu próprio ego ideal que foi formado a partir do narcisismo do indivíduo quando o ego tinha todas as espécies de perfeição. Observa-se, então, que em 1914 o ego possui essa diferenciação em seu próprio interior, havendo nele mesmo uma instância que contém um agente psíquico especial que introduz a crítica recebida dos pais e efetiva o controle do ego real através da comparação com o ego ideal, para que assim consiga a satisfação narcisista que ele tinha na mais tenra infância.

Essa temática da diferenciação do ego tem uma apresentação mais detalhada no texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006). Nesse texto Freud cita: “Em meu artigo sobre narcisismo [1914], reuni todo o material patológico que na ocasião podia ser utilizado em apoio dessa diferenciação.” (Freud, 1921/2006, p. 140). E continua afirmando que o ideal do ego advém do narcisismo primário e recebe influências do mundo externo. Possui as mesmas funções de crítica e observação do ego descritas anteriormente. Aqui ele é ainda parte do ego e usa como parâmetro para sua avaliação o ego ideal. Freud acrescenta como função do ideal do ego a responsabilidade por verificar a realidade das coisas, mas essa função logo retorna para o ego no texto de 1923.

No texto de 1921, Freud aprofunda a discussão sobre o ideal do ego e da relação dele com o próprio ego. Apresenta situações em que o ego ocupa o lugar do ideal do ego, o que leva

o ideal do ego a cessar suas funções e então o objeto a fazer a vez de ideal do ego para o próprio ego. Outras em que o próprio ego tornar-se um objeto para o ideal do ego, sendo que a relação entre eles será semelhante àquela entre o ego e um objeto externo. Aquelas nas quais o ideal do ego interrompe suas funções e então o ego experimenta um grande aumento do prazer e da auto-satisfação. E, por fim, ocasiões em que a tensão entre o ego e o seu ideal se mantém, o que gera sentimentos de culpa e de inferioridade que podem ser conscientes ou inconscientes.

A maior parte dessa descrição do ideal do ego realizada em 1921 se mantém na apresentação da segunda tópica. Como explicitado, Freud retira uma função dele, a de controle da realidade que volta a ser considerada como função do ego. E, como relatado, faz uma grande modificação sobre a origem do ideal do ego e a sua relação com o ego, conseqüentemente modificando também a concepção sobre o ego. No texto *O ego e o id* (1923/2006) o ideal do ego, que tem como sinônimo aqui o superego, não mais é parte do ego. Então, a gradação do ego, que era discutida nos textos anteriores, aqui ganha uma ampliação, pois o ideal do ego se forma sim como um precipitado do ego, mas passa a ser uma instância do aparelho psíquico. E sua origem que estava relacionada ao narcisismo primário, em 1923 está ligada, agora na segunda tópica freudiana, ao complexo de Édipo, mantendo-se assim a concepção de influência dos pais nessa formação advinda do ego.

No texto *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006) Freud discorre sobre o complexo de Édipo simples, no qual o menino toma o pai como modelo e rival, a partir do processo de identificação, e a mãe como o objeto sexual. Mas também apresenta o complexo de Édipo invertido, em que o pai se torna o objeto. Na obra de 1923, Freud apresenta o complexo de Édipo completo, no qual a criança, de ambos os sexos, tem uma identificação com o pai e uma escolha objetal da mãe ao mesmo tempo em que tem uma identificação com a mãe e uma escolha objetal com o pai. O desfecho do complexo de Édipo completo resulta em duas identificações, uma com o pai e outra com a mãe. Como toda identificação, elas modificam o ego. Mas nesse momento do desenvolvimento do indivíduo o ego ainda é fraco e por isso as identificações o modificam de tal maneira que formam uma instância especial a partir dele, constituindo o superego. As identificações carregam a ambivalência, e por isso essa formação no ego é considerada tanto a expressão das escolhas objetais do id quanto uma reação violenta contra elas. E por ter sido formada em um momento que o ego ainda era fraco, ela consegue se manter separada dele e dominá-lo com a sua severidade característica.

Assim, Freud apresenta o superego como uma nova instância e completa a estrutura do aparelho mental da segunda tópica, formada pelo ego, o id e o superego. Então, no texto *O ego e o id* (1923/2006) ele apresenta o ego se formando a partir do id, e o superego se formando do

ego. Como pode ser observado, apenas a formação do superego teve seus primórdios apresentados e trabalhados nas duas obras anteriores a 1923 descritas nesse texto.

A formação do ego a partir do contato do id com o mundo externo não pode ser localizada em nenhum conceito ou tema apresentado nos textos “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006) e *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006). Essa descrição que Freud faz do surgimento do ego a partir do id é importante para a compreensão da instância ego. E ela traz consigo considerações da primeira tópica, inserindo na nova estrutura do aparelho mental as concepções do consciente, do pré-consciente e do inconsciente, mas de uma maneira nova e mais abrangente, que permite uma melhor explicação das temáticas apreciadas por Freud na clínica.

A compreensão que o ego advém do id também permite localizar as questões relacionadas à herança filogenética presentes na teoria freudiana desde o início. Como relatado, o reiterado contato do ego de diversos indivíduos por várias gerações com um mundo externo similar, ocasiona uma marca no id, que passa a carregar essas experiências como herança. A partir disso o ego, e conseqüentemente o superego, receberá tais heranças filogenéticas. Dos textos apresentados nesse trabalho, tal descrição só aparece no *O ego e o id* (1923/2006), não sendo possível localizar a consideração do ego recebendo herança filogenética na discussão dos textos precedentes.

Então, como pode ser observado, os textos desse trabalho apresentam temas e conceitos que serão utilizados para descrever o ego da segunda tópica formado a partir da identificação, com a diferenciação no seu interior sendo ocasionada pelas relações objetais. Tal situação ocorre porque aparentemente Freud apresenta duas conceituações de ego no texto *O ego e o id* (1923/2006). Uma relacionada às identificações e ao investimento libidinal, outra ligada à percepção e à compreensão filogenética de ego. A descrição do ego como sendo uma modificação do id a partir do contato com o mundo externo está mais associada a esse entendimento da filogênese e a um entendimento de que o mundo externo que modifica o id pertence apenas à percepção.

Cabe salientar que a conceituação de ego no texto *O ego e o id* (1923/2006) está inserida na concepção do segundo dualismo pulsional freudiano. Ele faz uma pequena explanação sobre algumas questões do ego e do id referentes especificamente às duas pulsões, mas todo o texto é permeado pelo entendimento de pulsão pertencente a esse novo dualismo pulsional.

5 Considerações Finais

Ao longo desse trabalho tentou-se compreender a presença na teoria psicanalítica de fundamentos que levaram a construção do conceito de ego na segunda tópica do aparelho psíquico freudiano. Para tanto, percorreu-se um caminho do ano de 1914, época em que Freud retoma a conceituação do ego, até 1923 quando ele apresenta a nova estruturação do aparelho mental que inclui o ego como uma instância psíquica.

A primeira marcação para essa trilha percorrida foi o conceito de narcisismo, tal como apresentado no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914. A partir desse conceito é que foi demonstrada a existência de um investimento da pulsão sexual em uma unidade coesa no ser psíquico, ou seja, no ego. Com a apresentação dessa possibilidade de uma libido que investe o ego, a formulação teórica freudiana direcionou-se para a investigação e tentativa de compreensão do que era esse ‘ego’ e quais as relações dele com o todo psíquico.

Como ponto fundamental Freud explicitou que o ego era algo que tinha que ser desenvolvido, não estando presente desde o início na vida psíquica. Essa concepção acompanha as descrições freudianas posteriores sobre o ego, sempre com essa perspectiva de processo de desenvolvimento de uma unidade organizada no psiquismo. A questão que continua a ser desdobrada é sobre a formação em si do ego.

Os primeiros indícios sobre uma formulação assim aparecem ainda em 1914, quando Freud apresenta uma gradação no interior do ego. Essa gradação, formada a partir do narcisismo inicial, constitui o ideal do ego que contém a consciência moral formada a partir da crítica dos pais e da sociedade. Com isso, Freud mostra uma influência do mundo externo diretamente no ego, com uma diferenciação em seu próprio interior como resultado dessa ação.

Tal concepção ficará mais clara com o conceito de identificação e com a abordagem mais completa do ideal do ego, ambos trabalhados intensamente por Freud no texto *Psicologia de Grupo e a análise do ego* de 1921.

A identificação é apresentada como o mecanismo que modifica o ego, e o faz através de objetos do mundo externo. Isso ocorre com a introjeção do objeto no ego para onde passa a fluir o investimento libidinal que até então era objetal. Então, com a identificação o processo de formação do ego começa a ficar mais evidente, já que demonstra como essa unidade coesa se modifica devido às relações objetais estabelecidas.

Freud passa a descrever minuciosamente a relação do ideal do ego com o próprio ego e as influências que aquele traz para este. O ideal do ego recebe muitas influências do meio externo e é com base nessas e no ego ideal que realiza as exigências ao ego. A auto-observação

e a autocrítica do ego e a repressão estabelecida nele advêm dessa relação do ego com o ideal do ego. Isso tudo já demonstra como está se delineando a estrutura da mente neste momento da teoria psicanalítica.

É, porém, no texto *O ego e o id*, de 1923, que Freud apresenta essa estruturação completa, descrevendo o id, o ego e o superego. Com relação à conceituação de ego, como pôde ser observado ao longo desse trabalho, ela é, em parte, uma continuidade daquilo que foi apresentado nos textos “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006) e *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006). Freud situa a identificação, e os investimentos libidinais relacionados a ela, como o mecanismo de formação e modificação do ego e aprofunda a explicação de como ela se efetua. Inserindo, aqui, a relação do id com as escolhas objetais dentro desse processo de identificação, e a formação do superego a partir das identificações resultantes do complexo de Édipo.

Então com esse trabalho foi possível observar que a conceituação de ego na segunda tópica possui fundamentos apresentados em textos freudianos anteriores a 1923, como os apresentados aqui: “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914/2006) e *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921/2006). Entretanto, isso só ocorre com a perspectiva de ego relacionada à identificação. No texto *O ego e o id* (1923/2006), Freud também apresenta o ego como sendo uma parte modificada do id que se constitui a partir do contato com o sistema perceptivo, e mostra um ego que recebe influência direta de uma herança filogenética. Essas concepções não possuem relação direta com os conceitos trabalhados nos outros dois textos, de 1914 e 1921. Diante disso, fica o questionamento se há duas conceituações distintas de ego na apresentação da segunda tópica freudiana ou se há conceitos apresentados em outros textos de Freud, que não foram investigados nesse trabalho, que oferecem subsídios para uma compreensão mais abrangente da apresentação freudiana do ego em 1923. Pretende-se posteriormente investigar tal questão. Além disso, pretende-se também investigar melhor as relações entre o ego, a consciência e o inconsciente, isto é, investigar a forma como ocorre na teoria psicanalítica a passagem da primeira para a segunda tópica, tendo em vista a pressuposição, por parte de Freud, da existência de uma parte inconsciente do ego. Procurando, assim, compreender as distinções e aproximações entre essa parte do ego e o inconsciente propriamente dito, qual seja o id. Por tais questões extrapolarem o objetivo deste trabalho é que elas serão abordadas em um momento oportuno.

6 Referências Bibliográficas

Bomfim, T. H. (2008). *A constituição dos conceitos de ego e objeto na metapsicologia freudiana* (Dissertação de mestrado). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4833/1800.pdf?sequence=1>

Bomfim, T. H. (2014, agosto). *A constituição do conceito de eu na metapsicologia freudiana*. *Psicologia USP*, 25 (2). Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642014000200162&lng=pt&tlng=pt

Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp.75-108) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (2006). Psicologia de grupo e a análise do ego. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp.77-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

Freud, S. (2006). O ego e o Id. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, pp. 13-80). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Mezan, R. (2018). *Freud: a trama dos conceitos*. (5a ed.) São Paulo: Perspectiva.